

Márcio Rogério de Oliveira Cano

COORDENADOR

7

COLEÇÃO

A reflexão e a  
prática no ensino

# GEOGRAFIA

Robson da Silva Pereira

Blucher

A reflexão e a prática no ensino

7

Geografia

**Blucher**

A reflexão e a prática no ensino

7

# Geografia

Márcio Rogério de Oliveira Cano  
coordenador

*ROBSON DA SILVA PEREIRA*  
autor

Coleção A reflexão e a prática no ensino - Volume 7 - Geografia

MÁRCIO ROGÉRIO DE OLIVEIRA CANO (coordenador)

©2012 ROBSON DA SILVA PEREIRA

Editora Edgard Blücher Ltda.

---

# Blucher

---

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-012 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

**editora@blucher.com.br**

**www.blucher.com.br**

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

*Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras,

março de 2009

É proibida a reprodução total ou parcial por

quaisquer meios, sem autorização escrita da

Editora.

---

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard  
Blücher Ltda.

## Ficha catalográfica

---

Pereira, Robson da Silva

Geografia / Robson da Silva Pereira; Márcio

Rogério de Oliveira Cano, coordenador. --

São Paulo: Blucher, 2012. -- (Coleção a reflexão  
e a prática no ensino; 7)

Bibliografia

ISBN 978-85-212-0663-7

1. Geografia - Estudo e ensino 2. Prática de  
ensino I. Cano, Márcio Rogério de Oliveira.

II. Título. III. Série.

---

12-05518

CDD-910.7

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Reflexões e prática no ensino de geografia

910.7

---

## Sobre os autores

---

### MARCIO ROGÉRIO DE OLIVEIRA CANO (COORD.)

Professor do curso de Letras do Departamento de Ciências Humanas da Universidade Federal de Lavras, é mestre e doutor pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Desenvolve pesquisas na área de Ensino de Língua Portuguesa e Análise do Discurso. Possui publicações e trabalhos apresentados na área, além de vasta experiência nos mais variados níveis de ensino. Também atua na formação de professores de Língua Portuguesa e de Leitura e produção de textos nas diversas áreas do conhecimento.

### ROBSON DA SILVA PEREIRA

Professor de Geografia nas redes municipal e estadual de ensino em São Paulo. Tem longa experiência como docente em vários níveis de ensino, além de publicações de material didático de geografia para a Educação Básica. É graduado em Geografia, com licenciatura plena pela Universidade de Mogi das Cruzes (UMC) e mestre em Educação: Psicologia da Educação, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).



*Aos meus alunos*



---

## Apresentação

---

*A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara.*

*Jorge Larrosa Bondía, 2001,  
I Seminário Internacional de Educação de Campinas.*

Esse trecho de uma conferência de Larrosa é emblemático dos nossos dias, da nossa sociedade do conhecimento ou da informação. Duas terminologias que se confundem muitas vezes, mas que também podem circular com conceitos bem diferentes. Vimos, muitas vezes, a sociedade do conhecimento representada como simples sociedade da informação. E não é isso que nos interessa. Em uma sociedade do conhecimento, podemos, por um lado, crer que todos vivam o conhecimento ou, por outro, que as pessoas saibam dele por meio de e como informação. Nunca tivemos tanto conhecimento e nunca tivemos tantas pessoas informadas e informando. Mas a experiência está sendo deixada de lado.

O grande arsenal tecnológico de memorização e registro, em vez de tornar as experiências do indivíduo mais plenas, tem esvaziado a experiência, já que todos vivem a experiência do outro, que vive a experiência do outro, que vive a experiência do outro... Quando não tínhamos muito acesso aos registros da história, era como se vivêssemos o acontecimento sempre pela primeira vez. Hoje, parece que tudo foi vivido e está registrado em algum lugar para que possamos seguir um roteiro. Isso é paradoxal.

No entanto, não compactuamos com uma visão pessimista de que tudo está perdido ou de que haja uma previsão extremamente desanimadora para o futuro, mas que, de posse do registro e do conhecimento, podemos formar pessoas em situações de experiências cada vez mais plenas e indivíduos cada vez mais completos. E parece-nos que a escola pode ser um lugar privilegiado para isso. Uma escola dentro de uma sociedade do conhecimento não deve passar informações, isso os alunos já adquirem em vários lugares, mas sim viver a informação, o conhecimento como experiência única, individual e coletiva.

Tendo a experiência como um dos pilares é que essa coleção foi pensada. Como conversar com o professor fazendo-o não ter acesso apenas às informações, mas às formas de experienciar essas informações juntamente com seus alunos? A proposta deste livro é partir de uma reflexão teórica sobre temas atuais nas diversas áreas do ensino, mostrando exemplos, relatos e propondo formas de tornar isso possível em sala de aula. É nesse sentido que vai nossa contribuição. Não mais um livro teórico, não mais um livro didático, mas um livro que fique no espaço intermediário dessas experiências.

Pensando nisso como base e ponto de partida, acreditamos que tal proposta só possa acontecer no espaço do pensamento interdisciplinar e transdisciplinar. Tal exercício é muito difícil, em virtude das condições históricas em que o ensino se enraizou: um modelo racionalista disciplinar em um tempo tido como produtivo. Por isso, nas páginas desta coleção, o professor encontrará uma postura interdisciplinar, em que o tema será tratado pela perspectiva de uma área do conhecimento, mas trazendo para o seu interior pressupostos, conceitos e metodologias de outras áreas. E também encontrará perspectivas transdisciplinares, em que o tema será tratado na sua essência, o que exige ir entre, por meio e além do que a disciplina permite, entendendo a complexidade inerente aos fenômenos da vida e do pensamento.

Sabemos, antes, que um trabalho inter e transdisciplinar não é um roteiro ou um treinamento possível, mas uma postura de indivíduo. Não teremos um trabalho nessa perspectiva, se não tivermos um sujeito inter ou transdisciplinar. Por isso, acima de tudo, isso é uma experiência a ser vivida.

Nossa coleção tem como foco os professores do Ensino Fundamental do Ciclo II. São nove livros das diversas áreas que normalmente concorrem no interior do espaço escolar. Os temas tratados são aqueles, chave para o ensino, orientados pelos documentos ofi-

ciais dos parâmetros de educação e que estão presentes nas pesquisas de ponta feitas nas grandes universidades. Para compor o grupo de trabalho, convidamos professoras e professores de cursos de pós-graduação, juntamente com seus orientandos e orientandas de doutorado e de mestrado e com larga experiência no ensino regular. Dessa forma, acreditamos ter finalizado um trabalho que pode ser usado como um parâmetro para que o professor leia, possa se orientar, podendo retomá-lo sempre que necessário, juntamente com outros recursos utilizados no seu dia a dia.

*Márcio Rogério de Oliveira Cano*  
*Coordenador da coleção*



---

## Prefácio

---

Este livro tem como objetivo contribuir com o trabalho pedagógico do professor de geografia da Educação Básica. Seu conteúdo foi pensado para que, dentro do universo da geografia escolar, pudessem ser abordados alguns dos temas que normalmente fazem parte do currículo dessa disciplina. Entre as preocupações presentes nos textos aqui apresentados, está a de colaborar também para a reflexão conjunta entre professor e alunos na construção coletiva do conhecimento. Pautados pela possibilidade de desenvolvimento do trabalho pedagógico interdisciplinar, apresentamos temas que favorecem o diálogo da geografia com outras matérias escolares. Dessa forma, propomos ações que buscam essa interação, pois a vemos como necessária no cotidiano da escola e essencial à relação do ensino com a aprendizagem.

Muito já se falou que a escola necessita ser revista, que seus procedimentos estão precisando de renovação, que ela deve ser reinventada etc. Concordamos que há uma necessidade de mu-

dança, mas sabemos que não há uma fórmula mágica que irá transformá-la em um modelo que seja ideal, pois sua transformação, a nosso ver, deve ser diária, permanente. É o movimento constante de mudança da realidade que exige contínua renovação do conhecimento. Assim, a escola e a geografia escolar também estão envolvidas nesse movimento, exigindo, cada vez mais, aprimoramento de seus atores.

A geografia, como qualquer outra matéria, tem passado por mudanças. Temas considerados tradicionais são revistos e complementados, enriquecendo sua abordagem. Em relação à geografia ensinada nas escolas, aumentou muito nos últimos anos a disponibilidade de obras que visam a seu processo de ensino e aprendizagem, e muitas delas oferecem boas contribuições para o trabalho do professor, dialogando com suas necessidades por meio de uma linguagem clara e objetiva. Vemos essa realidade como um grande avanço para a geografia escolar.

Este livro, composto por nove capítulos, também fala de geografia e de ensino.

No primeiro capítulo abordamos o pensamento geográfico e os conceitos estruturantes dessa ciência com a finalidade de inserir o aluno nas possibilidades de análise do espaço propostas pela geografia. No Capítulo 2, é tratado um tema interdisciplinar: a sociedade de consumo. Relevante por discutir questões voltadas ao cotidiano, este é um dos temas propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) à leitura e compreensão do espaço geográfico.

Introduz-se então, no Capítulo 3, a análise do meio ambiente por meio das questões relacionadas às principais preocupações mundiais atuais, como, por exemplo, o debate em torno do que se acredita que o aquecimento global seja um fenômeno antropogênico. No Capítulo 4, é focado o relevo, no Capítulo 5, o clima, e no Capítulo 6, a água e a vegetação, temas clássicos da geografia física. A abordagem geográfica desses assuntos é apresentada com o intuito de estabelecer um diálogo com outras disciplinas.

O Capítulo 7 aborda a Terra e as possibilidades de compreensão dos fenômenos que envolvem o planeta, tanto os naturais quanto aqueles criados pelo homem para se organizar no espaço, como as coordenadas geográficas e os fusos horários. Nesse capítulo, buscou-se uma explanação mais ampla de fenômenos astronômicos e também de alguns acontecimentos históricos.

No Capítulo 8 é apresentado outro tema tradicional da geografia escolar: a população. Buscam-se analisar as decorrências de sua evolução e os aspectos relacionados à evolução da dinâmica popu-

lacional. E, finalmente, no Capítulo 9 é abordado um tema da geografia econômica, em que são discutidos os recursos energéticos.

Comentários pertinentes ao tema tratado, sugestões de páginas da Internet para consultas e/ou pesquisas e de alguns filmes, atividades para serem desenvolvidas com os alunos, sugestões de leitura e bibliografia acompanham os capítulos.

Esperamos que este livro também possa contribuir para que a relação do ensino com a aprendizagem seja cada vez mais dialógica e resulte em uma construção de conhecimentos relevantes para nossos alunos.

*Robson da Silva Pereira*



<b>1. GEOGRAFIA, UM POUCO DE HISTÓRIA E CONCEITOS FUNDAMENTAIS</b> .....	21
1.1 O QUE É GEOGRAFIA? BREVE RELATO.....	22
1.2 CONCEITOS ESTRUTURANTES.....	27
LUGAR.....	27
PAISAGEM .....	28
TERRITÓRIO .....	29
REGIÃO .....	30
ESPAÇO .....	30
1.3 TRABALHANDO O TEMA COM OS ALUNOS .....	31
1.4 PARA FINALIZAR .....	36
1.5 SUGESTÕES DE LEITURA.....	37
1.6 BIBLIOGRAFIA.....	38
<b>2. A SOCIEDADE DE CONSUMO</b> .....	43
2.1 CONSUMO <i>VERSUS</i> CONSUMISMO .....	46
2.2 UM DOS EFEITOS DA SOCIEDADE DE CONSUMO: O LIXO .....	49
2.3 SOMOS O QUE COMEMOS: FOME E EXCESSO DE COMIDA .....	50
2.4 TRABALHANDO O TEMA COM OS ALUNOS .....	53
2.5 PARA FINALIZAR .....	56
2.6 SUGESTÕES DE LEITURA.....	57
2.7 BIBLIOGRAFIA.....	58

<b>3. O MEIO AMBIENTE</b> .....	61
3.1 CULTURA E CIÊNCIA.....	63
3.2 A RESPOSTA DA NATUREZA E A REMEDIAÇÃO HUMANA .....	66
3.3 INVERSÃO TÉRMICA E CHUVA ÁCIDA .....	69
3.4 UM MUNDO COM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL?.....	70
3.5 TRABALHANDO O TEMA COM OS ALUNOS .....	74
3.6 PARA FINALIZAR .....	77
3.7 SUGESTÕES DE LEITURA.....	79
3.8 BIBLIOGRAFIA .....	80
<b>4. O RELEVO TERRESTRE</b> .....	85
4.1 AS FORMAS DA SUPERFÍCIE TERRESTRE .....	86
CONSTITUIÇÃO DA TERRA .....	86
A LITOSFERA, OS MINERAIS E AS ROCHAS .....	89
A TECTÔNICA DE PLACAS .....	91
A SUPERFÍCIE .....	92
4.2 TRABALHANDO O TEMA COM OS ALUNOS .....	94
4.3 PARA FINALIZAR .....	98
4.4 SUGESTÕES DE LEITURA.....	99
4.5 BIBLIOGRAFIA .....	100
<b>5. O CLIMA TERRESTRE</b> .....	105
5.1 FATORES DO CLIMA .....	107
LATITUDE .....	108
ALTITUDE .....	109
CORRENTES MARÍTIMAS.....	110
MASSAS DE AR.....	110
5.2 ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS .....	112
5.3 TRABALHANDO O TEMA COM OS ALUNOS .....	114
5.4 PARA FINALIZAR .....	117
5.5 SUGESTÕES DE LEITURA.....	118
5.6 BIBLIOGRAFIA.....	119

<b>6. A VEGETAÇÃO E A ÁGUA</b> .....	123
6.1 BRASIL: ALGUMAS DAS PRINCIPAIS PAISAGENS VEGETAIS .....	125
6.2 A ÁGUA – RIOS, LAGOS E MARES .....	127
6.3 TRABALHANDO OS TEMAS COM OS ALUNOS .....	131
6.4 PARA FINALIZAR .....	135
6.5 SUGESTÕES DE LEITURA.....	137
6.6 BIBLIOGRAFIA.....	138
<b>7. O PLANETA TERRA</b> .....	143
7.1 DE ONDE VIEMOS?.....	144
7.2 A CORRIDA ESPACIAL .....	146
7.3 A TERRA COMO PLANETA .....	148
OS MOVIMENTOS DA TERRA E SEUS EFEITOS.....	148
AS COORDENADAS GEOGRÁFICAS .....	150
OS FUSOS HORÁRIOS .....	151
7.4 A LUA.....	153
7.5 TRABALHANDO OS TEMAS COM OS ALUNOS .....	154
7.6 PARA FINALIZAR .....	158
7.7 SUGESTÕES DE LEITURA.....	160
7.8 BIBLIOGRAFIA.....	161
<b>8. POPULAÇÃO</b> .....	165
8.1 CRESCIMENTO DEMOGRÁFICO .....	166
8.2 DENSIDADE DEMOGRÁFICA E MIGRAÇÃO.....	170
8.3 MORTALIDADE INFANTIL .....	173
8.4 POPULAÇÃO, CULTURA E TERRITÓRIO .....	174
8.5 TRABALHANDO OS TEMAS COM OS ALUNOS .....	176
8.6 PARA FINALIZAR .....	179
8.7 SUGESTÕES DE LEITURA.....	181
8.8 BIBLIOGRAFIA.....	182

<b>9. RECURSOS ENERGÉTICOS.....</b>	<b>185</b>
9.1. RECURSOS RENOVÁVEIS.....	186
BIOMASSA .....	186
O ETANOL NO BRASIL .....	187
HIDROELETRICIDADE.....	189
ENERGIA EÓLICA.....	190
ENERGIA SOLAR.....	193
ENERGIA GEOTÉRMICA .....	193
9.2 RECURSOS NÃO RENOVÁVEIS .....	194
COMBUSTÍVEIS FÓSSEIS .....	194
ENERGIA NUCLEAR .....	198
9.3 TRABALHANDO O TEMA COM OS ALUNOS .....	199
9.4 PARA FINALIZAR .....	202
9.5 SUGESTÕES DE LEITURA.....	203
9.6 BIBLIOGRAFIA.....	204

## Geografia, um pouco de história e conceitos fundamentais

---

A geografia, juntamente com outras ciências humanas, cumpre o importante papel de analisar e discutir a sociedade. Desse modo, entende-se que a reflexão acerca da estrutura dessa disciplina, assim como de seu objeto, feita especialmente com os alunos do Ensino Fundamental, no ciclo II, possa contribuir muito significativamente para a formação de um cidadão crítico em relação à compreensão da realidade. É a respeito dos conceitos estruturantes da geografia e de suas implicações que tratará este capítulo.

A geografia é a ciência que estuda a relação do homem com o meio. Dessa relação, surge o espaço em que vive a humanidade: o espaço geográfico, produto histórico e social formado pelo conjunto dos elementos naturais e dos objetos humanos.

Duas perguntas que nós, professores, devemos sempre nos fazer é: “Como podemos ensinar melhor um tema tão importante?” e “Em que o aprendizado da geografia contribui para o crescimento de nossos alunos?”. Entendemos que as respostas a essas questões só podem ser encontradas individualmente por nós, professores de geografia, em nossas reflexões diárias a respeito do nosso trabalho pedagógico e, é claro, compartilhando nossas aspirações com os colegas em horários destinados a essas discussões. Tais questionamentos são, portanto, um exercício necessário.

### 1.1. O QUE É GEOGRAFIA? BREVE RELATO

É certo que a resposta para a pergunta acima já foi dada diversas vezes e que, para nós, talvez não seja mais novidade tudo que se diz a respeito de sua definição. Mesmo neste texto, já foi mencionada uma tentativa de explicação de seu objeto. Todavia, não deixa de ser, por outro lado, muito interessante o debate em torno do significado desse saber.

Filósofos jônicos ou jônios: esses filósofos podem ser considerados os primeiros geógrafos científicos. Posterior a Anaximandro, Hecateo de Mileto, cujos mapas descreviam toda a região da chamada Ásia Menor, figura como importante estudioso da geografia no período da Antiguidade. Embora constituíssem apenas uma das quatro etnias gregas, jônios eram considerados sinônimo de gregos. (Cf. KRETSCHMER, 1942).

Embora se trate de uma ciência relativamente nova, que se estruturou como tal somente no século XIX, a geografia tem a oferecer enorme contribuição para a compreensão da realidade.

O conhecimento geográfico nos remete à antiguidade, com os gregos que estudavam a forma da Terra e tentavam traçar um mapa que representasse o mundo. O filósofo jônico Anaximandro (610-546 a. C.) foi o primeiro a realizar tal proeza com a confecção de um mapa circular. Heródoto (484-424 a. C.) por meio de suas inúmeras viagens pôde corrigir mapas feitos até então e descrever com mais propriedade vários lugares visitados. Foi ele, por exemplo, que primeiro descreveu “o mar Cáspio como um mar fechado” (KRETSCHMER, 1942, p. 15). Entretanto, é Estrabão (63 a. C.- 23 d. C.) que é considerado o “pai” da geografia. Foi a partir de viagens pelos países até então conhecidos que escreveu, em 17 volumes, uma de suas mais importantes obras, intitulada *Geografia*, na qual, além de descrever os aspectos geográficos, tratou também da história e da cultura dos povos. Assim, ao longo de décadas, séculos e milênios, com a ajuda de viagens e expedições, o conhecimento geográfico foi se aperfeiçoando.

Longe de estabelecer aqui um tratado a respeito da história da geografia, é importante perceber, entretanto, que sua definição como ciência vai ocorrer muito depois de inúmeros e importantes acontecimentos que envolveram a necessidade de mais conhecimento do espaço terrestre.

Há bem pouco tempo uma grande controvérsia ainda pairava a respeito da definição da matéria a ser tratada pela geografia, já que a significação de seu objeto de estudo vivia uma crise. Seu amplo leque de análise, que lhe confere múltiplas intervenções, é um dado importante que ajuda a entender tal indefinição. Embora possa parecer prejudicial ao desenvolvimento do conhecimento geográfico, a indefinição a que se refere aqui pode ser vista como benéfica para a construção e desenvolvimento dessa ciência, já que a construção da geografia passou a ser feita com a observância de diversas concepções a respeito de seu objeto, fato que contribuiu para seu aprofundamento teórico.

#### ATENÇÃO

*Do ponto de vista pedagógico, a geografia escolar contribui significativamente para o trabalho interdisciplinar, justamente por abranger conhecimentos de outras ciências.*

Ao longo da construção da geografia, foram várias as definições que lhe foram atribuídas, como aquela segundo a qual a geografia seria “o estudo da superfície terrestre”, ou, “o estudo da paisagem” ou, ainda, “o estudo do espaço” (Cf. MORAES, 1983, p. 13-16), entre outros. Percebe-se que há certa conexão entre tais definições ao mesmo tempo que se mostram um tanto vagas.

As radicais transformações pelas quais o conhecimento do espaço passou a partir das inúmeras conquistas resultantes de viagens de caráter, sobretudo, exploratório, que descortinaram um novo mundo, não foram em vão, pois essas descobertas passaram a ser sistematizadas por estudiosos que se destacaram no desenvolvimento da ciência geográfica. Entre seus precursores está Humboldt que, por meio da observação direta, passou a estabelecer os vínculos entre os fenômenos naturais em relação à sua ocorrência no espaço. Para ele, a geografia compunha um conjunto de saberes dos quais ela seria uma espécie síntese dos conhecimentos relativos à natureza terrestre. Ritter, também alemão, propõe, sem desconsiderar a prevalência da natureza e a observação empírica dos fenômenos, a preocupação com o desenvolvimento da vida humana (Cf. KRETSCHMER, 1942).

Depois de Humboldt e Ritter, foi Ratzel, também alemão, que primeiro organizou um ramo da geografia voltado ao estudo da interação do homem com a natureza, ao qual ele denominou Antropogeografia. A proposta desse autor consistia em afirmar que o ambiente interfere no desenvolvimento de uma sociedade na medida da disponibilidade dos recursos naturais existentes e, dependendo também de como se daria tal relação, haveria ou não obstáculo ao progresso. O desenvolvimento seria, assim, influenciado por um processo dinâmico e constante de adaptação ao ambiente, e não meramente um resultado direto da predominância da natureza, como o clima, por exemplo, sobre a sociedade.

Para Ratzel, o progresso estaria ligado ao uso permanente dos recursos oferecidos pelo meio, cabendo ainda a busca pela ampliação do espaço considerado necessário ao atendimento das necessidades da sociedade. Para justificar tal afirmação o autor elaborou o conceito de *espaço vital*.

Embora o autor não falasse em determinismo e sim em influência da natureza na vida humana, foi com base em seus postulados que surgiu, posteriormente, a concepção determinista, proveniente da chamada “escola alemã” da geografia. Ainda sobre Ratzel, cabe lembrar que sua proposta também fundamentou os

Alexander von Humboldt (1769-1859): naturalista alemão que pesquisou diferentes áreas do conhecimento. Percorreu diversas partes do mundo e desenvolveu importantes estudos no continente americano que resultaram em novas descobertas nas áreas da botânica, da geografia, da meteorologia, entre outras. Foi ele quem descobriu e descreveu a corrente marítima que leva o seu nome. Respeitado estudioso, teve diversas obras publicadas, entre as quais se destaca *Cosmos*, em que buscou descrever e explicar fenômenos da natureza.

Karl Ritter (1779-1859): filósofo e historiador. Ele incorporou o homem no centro de seus estudos, pois descreveu a Terra considerando sua ocupação espacial. Ao analisar o curso histórico e social das populações, Ritter também buscava instituir um estudo das localidades.

Friedrich Ratzel (1844-1904): autor de obras de grande vulto como *Antropogeografia* e *Geografia Política*, com as quais apresentou sua teoria que muito contribuiu para o avanço da geografia como ciência.

**Espaço vital:** para uma sociedade, espaço que corresponde ao território, cujo domínio consiste em um direito, com a finalidade de alcançar o equilíbrio entre suas necessidades sociais e a disponibilidade de recursos naturais. Entretanto, essa concepção teórica contribuiu para referendar o expansionismo imperial alemão liderado por Otto von Bismark (1815-1898) que resultou em conquistas de territórios e unificação da Alemanha.

**Paul Vidal de La Blache (1845-1918):** considerado o fundador da Escola Francesa de Geografia, combateu a Antropogeografia de Ratzel argumentando que seu “determinismo” não considerava as possibilidades resultantes do relacionamento permanente e cumulativo do homem com a natureza. Com um discurso mais liberal, atuava em favor da burguesia francesa e, assim como seu colega alemão, utilizou para isso as formulações teóricas da “sua” geografia.

**Yves Lacoste (1929 -):** francês, é um dos maiores expoentes do pensamento geográfico contemporâneo e um dos nomes mais influentes do chamado movimento de renovação da geografia. Autor de importantes obras, com destaque para *A geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*, que por seu pioneirismo influenciou gerações de geógrafos. É também um dos mais importantes colaboradores da *Hérodote*, a maior revista francesa de geografia.

princípios da geopolítica, segundo a qual as conquistas territoriais fundamentadas em ações militares nada mais são que a legítima ação do Estado sobre o espaço desejável (Cf. MORAES, 1983).

La Blache produziu um novo discurso geográfico, no qual o homem não seria um ser absolutamente passivo, podendo interferir e modificar a natureza ao atuar sobre ela, superando seus obstáculos como a infertilidade do solo ou a largura de um rio, com a utilização de técnicas.

Esse autor “colocou o homem como um ser ativo, que sofre a influência do meio, porém que atua sobre este, transformando-o” (MORAES, 1983, p. 68). Por afirmar haver na relação homem-natureza possibilidades para alcançar um nível de desenvolvimento econômico, político e social desejável é que seu pensamento foi, mais tarde, chamado de possibilista. Portanto, La Blache é considerado o fundador do possibilismo, resultante da conhecida “escola francesa” da geografia.

Outros importantes geógrafos — como o anarquista francês Elisée Reclus (1830-1905) que fora aluno de Carl Ritter; o alemão Alfred Hettner (1859-1941); o norte-americano Richard Hartshorne (1899-1992), entre outros — produziram obras e formularam conceitos que também foram muito importantes para a constituição da geografia tal qual a concebemos atualmente. Inúmeros são os autores que discutem a história da construção do pensamento geográfico, entre os quais destacamos Kretschmer (1942), Moraes (1983), Moreira (2010), Santos (2002a).

Entretanto, é o movimento de renovação da geografia que vai, por meio de sua vertente “crítica”, tentar romper com os fundamentos considerados tradicionais da disciplina. Entre os principais protagonistas desse campo do pensamento geográfico, encontra-se Yves Lacoste, cuja influência marxista é bem nítida em suas obras. Esse autor apresenta forte crítica ao modelo capitalista de sociedade e à sua forma de conceber o espaço; também se refere à geografia ensinada nas escolas, tratada por ele como “a geografia dos professores”, ao afirmar que,

*Desde o fim do século XIX, primeiro na Alemanha e depois sobretudo na França, a geografia dos professores se desdobrou como discurso pedagógico de tipo enciclopédico, como discurso científico, enumeração de elementos de conhecimento mais ou menos ligados entre si pelos diversos tipos de raciocínios, que têm todos um ponto comum: mascarar sua utilidade prática na conduta da guerra ou na organização do Estado. (LACOSTE, 2003, p.32).*

Além de Lacoste e outros destacados autores que contribuíram para a difusão do pensamento crítico da geografia, encontra-se Milton Santos. Sua ampla produção conta com obras de grande vulto como *O espaço dividido* (2008) e *Por uma geografia nova* (2002a), que se tornaram referências para a permanente construção do pensamento geográfico. Nessa última obra, o autor discute o desenvolvimento histórico da geografia, apreciando de forma crítica a proposta da geografia tradicional; avalia as indefinições que envolvem seu objeto e expõe sua concepção; trata também da crise da geografia e das propostas de renovação que surgiram. Sua análise profunda e envolvente busca, por meio de conceitos-chave como espaço, território, natureza e sociedade, entre outros, uma resposta para a questão central: o que é geografia?

A respeito de sua concepção da geografia, Santos (2002a, p. 261) não deixa dúvida quanto ao campo de atuação da ciência geográfica ao afirmar que

*Uma ciência digna desse nome deve preocupar-se com o futuro. Uma ciência do homem deve cuidar do futuro não como um mero exercício acadêmico, mas para dominá-lo. Ela deve tentar dominar o futuro para o Homem, isto é, **para todos os homens** e não só para um pequeno número deles. Se o homem não for, também, um projeto, retorna ao homem animal que ele era quando, para assegurar a reprodução de sua própria existência, não comandava as forças naturais.*

*Agora, que a natureza modificada pelo trabalho humano é cada vez menos a natureza amiga e cada vez mais a natureza hostil, cabe aos que a estudam uma vigilância redobrada. E a geografia, tantas vezes ao serviço da dominação, tem de ser urgentemente reformulada para ser o que sempre quis ser: uma ciência do homem. (Grifo do autor).*

Ao expor uma ideia do que a geografia pode ser, como se vê, o elevado trabalho de Milton Santos torna-se também provocador, no sentido de conduzir o leitor a uma reflexão sobre o papel dessa ciência perante os acontecimentos, tanto aqueles relativos à relação do homem com a natureza, quanto aqueles referentes às relações entre os homens, travadas em um modelo hegemônico de sociedade.

Na década de 1970, ganha vulto no Brasil o estudo da geografia pela corrente conhecida como **geografia da percepção ou humanística**. Valorizando a experiência vivida pelo indivíduo e

Milton Santos (1926-2001): geógrafo que foi considerado um dos mais importantes e influentes pesquisadores brasileiros e um dos expoentes do movimento de renovação crítica da geografia. Lecionou em diversas universidades, no País e no exterior, e, em 1994, recebeu o Vautrin Lud, principal prêmio internacional de geografia. É autor de vasta obra, que abrange cerca de 40 livros e 300 artigos.

**Geografia da percepção ou humanística:** escola filosófica fundamentada na fenomenologia, cujo pai é Edmund Husserl (1859-1938). Em linhas gerais, a fenomenologia busca a compreensão da essência dos fenômenos a partir daquilo que se vê. Pode-se dizer, desse modo, que se trata de uma ciência que visa compreender o sentido das coisas.

sua relação com o lugar, por meio de sua cultura, o objetivo dessa corrente é buscar a essência dos objetos que compõem a paisagem a partir do que se observa. Assim, o espaço vivido, rico de simbolismos e dinâmico, surge como um elemento crucial para a compreensão da realidade.

Yi-fu Tuan (1930-): geógrafo chinês que se tornou um dos maiores expoentes do pensamento geográfico ao sistematizar estudos da corrente conhecida por geografia humanística.

Publicou diversas obras, entre as quais destaca-se *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*, na qual discute a ideia de pertencimento das pessoas em relação ao meio.

Um dos principais autores dessa corrente da geografia, Tuan, afirma que o homem possui experiências que podem ser muito significativas com o lugar em diferentes escalas. O lugar, desde um espaço reduzido até outros bem mais amplos, passa a ter grande importância, à medida que signifique mais para o indivíduo.

Concordamos com o que consta no PCN de Geografia, 1998, que

*[...] é fundamental que o espaço vivido pelos alunos continue sendo o ponto de partida dos estudos [...]. A compreensão de como a realidade local relaciona-se com o contexto global é um trabalho a ser desenvolvido durante toda a escolaridade, de modo cada vez mais abrangente, desde os ciclos iniciais. (1998, p. 30).*

Ainda de acordo com os PCN de Geografia (1998, p. 23):

*[...] As pessoas têm a liberdade de dar significados diferentes para as coisas, e no seu cotidiano elas convivem com esses significados. Uma paisagem, seja de uma rua, de um bairro, ou de uma cidade, além de representar uma dimensão concreta e material do mundo, está impregnada de significados que nascem da percepção que se tem dela. No seu cotidiano os alunos convivem de forma imediata com essas representações e significados que são construídos no imaginário social. Quando um aluno muda de rua, de escola, de bairro ou de cidade, ele não sente apenas as diferenças das condições materiais nos novos lugares, mas também as mudanças de símbolos, códigos e significados com os lugares. Em cada imagem ou representação simbólica, os vínculos com a localização e com as outras pessoas estão a todo momento, consciente ou inconscientemente, orientando as ações humanas.*

O estudo da história do pensamento geográfico é fundamental para a compreensão do objeto dessa ciência, tanto a nós professores, quanto aos nossos alunos que, desse modo, poderão, entre

outros objetivos, entender melhor o sentido da geografia como disciplina escolar.

A geografia, dependendo da maneira como é ensinada, se fará presente na realidade de nossos alunos, pois, como ciência social, estuda o espaço construído pelo homem. Os alunos poderão, por meio da compreensão dos fenômenos geográficos, ampliar os conhecimentos advindos de sua experiência com o espaço vivido, do lugar em que se reconhecem, de sua existência, enfim. Um grande desafio às aulas de geografia é o que os levará a estabelecer relações com distantes espaços, outros conjuntos sociais e novas perspectivas de leitura do mundo.

## 1.2. CONCEITOS ESTRUTURANTES

De toda a discussão acerca de sua definição, funcionalidade etc., a geografia passou então a ser reconhecida como ciência que possui alguns conceitos fundamentais ou estruturantes, ou seja, um escopo a partir do qual se desenvolvem seus estudos, seja como ciência ou como disciplina escolar. Esses conceitos, que passaram a se constituir como parte do que convém chamar de uma “expressão geográfica”, dando-lhe significados, podem ser definidos como sendo os seguintes: lugar, paisagem, território, região e espaço.

É importante lembrar que, para além dos seus conceitos fundamentais, a geografia e também outras disciplinas do Ensino Fundamental abarcam um conjunto de saberes vistos como essenciais à educação escolar, mas que estão relacionados a outras ciências que não fazem parte do currículo da escola. São exemplos: temas da astronomia, da geologia, da economia, entre outros.

### LUGAR

O conceito de lugar é muito utilizado para se referir às ideias de reconhecimento, identidade, pertencimento etc.

O lugar é aquele ambiente em que as pessoas se reconhecem por se sentirem parte de um espaço detentor de características intrínsecas produzidas por uma comunidade. Tais características dão uma identidade ao espaço, identidade esta proveniente das pessoas, que, por meio de sua cultura, imprimem marcas peculiares ao lugar. Com isso, o sentimento de pertencimento torna-se inevitável aos grupos sociais que constituem um espaço repleto de histórias, contradições, sentimentos etc., diariamente viven-

### ATENÇÃO

*Os temas da astronomia são um bom exemplo de conteúdos que aparecem na matéria de geografia, mas também na matéria de ciências no Ensino Fundamental.*

ciados. Essa é a ideia central contida na definição do lugar em geografia, encontrada, inclusive, na maioria dos livros didáticos que chegam aos nossos alunos.

O lugar, por ter aspectos bastante específicos, também pode ser visto como um *locus* de resistência à ideia globalizante de homogeneização dos espaços. Assim, o lugar, espaço em que há uma identificação afetiva entre as pessoas, se configuraria também como espaço de resistência, de enfrentamento ao que vem de fora.

Há, entretanto, lugares em que o sentimento de pertencimento, a identidade ou afetividade comum não existem. Trata-se do não lugar (Cf. CASTROGIOVANNI, 2009), que geralmente se constitui de espaços sem conteúdo histórico ou de passagem, como uma grande avenida ou um aeroporto.

#### PAISAGEM

Se você perguntar aos alunos o que é uma paisagem, é provável que respondam que é um lugar bonito como constatou Cavalcanti (2003, p. 49) em uma pesquisa realizada com alunos do Ensino Fundamental:

*“[...] campo cheio de rosas, árvores dando fruto, tudo florido. Muita coisa boa”, “um lugar grande... bonito”, “paz, um lugar tranquilo”, “árvores, coisas bonitas, assim, que aparece, que tá na nossa vista”, “ah!... coisa bonita, que deve ser respeitada”, “é um lugar marcante, um lugar bonito... lugar que marca sua consciência”, “um negócio, assim pra enfeitar... um desenho, assim, como Jesus Cristo [...].”*

A paisagem, como algo idealizado, não corresponde ao sentido dado a esse conceito na geografia, já que pode ser definida como aquilo que se vê, uma configuração resultante da experiência humana no espaço, contínua das relações entre o homem e a natureza.

Se, por exemplo, se tratar de construções urbanas, caracterizadas como sendo pobres, como no caso de uma favela, ou ricas, como no caso de condomínios de luxo; ou mesmo como um legado da natureza, em que seus elementos são predominantes ou únicos em sua constituição, estará se observando a paisagem. Desse modo, embora possa aparentar, ela não é algo estático, mas em constante transformação. Nas palavras de Milton Santos (2002b, p. 103), “[...]a rigor, a paisagem é apenas a porção da con-

figuração territorial que é possível abarcar com a visão. [...] Nesse sentido a paisagem é transtemporal, juntando objetos passados e presentes, uma construção transversal”.

#### TERRITÓRIO

O conceito de território pode ser relacionado à soberania de certo poder político sobre um determinado espaço. Visto desta forma, a concepção dessa categoria estará diretamente relacionada às relações de poder. Território é poder! Esta poderia ser a definição para território, considerando sua categorização apenas na geografia ou na ciência política. Há, porém, outras disciplinas, como a biologia, que também utilizam o conceito de território em algumas de suas definições. Na geografia, por exemplo, a interpretação desse conceito se dá com base nos aspectos naturais, e pode, por exemplo, estar associada ao *hábitat* de uma determinada espécie.

Visto também como um palco em que atuam forças políticas, constituído por uma rede de relações sociais, seus limites estariam definidos com o intuito de separar seus ocupantes dos “outros” que não perfazem aquele território. Assim, o espaço ocupado, delimitado e transformado em Estado corresponderia a um espaço territorializado. Também pode ser sinônimo de abrigo, proteção, especialmente se se considerar a necessidade que um Estado tem de proteger os recursos naturais de que dispõe, por estarem sujeitos a ocupações, invasões etc.

Vê-se, então, que as relações de poder parecem estar intrinsecamente presentes na efetivação de um território, um campo em que determinadas forças agem sobre uma base material.

Saquet (2010, p. 33), afirma que

*A ideologia molda comportamentos e atitudes, condiciona normas e regras e vice-versa. O território, nesta multidimensionalidade do mundo, assume diversos significados, a partir de territorialidades plurais, complexas e em unidade. Esta é uma questão fundamental, que marcou a **redescoberta** do conceito de território sob **novas** leituras e interpretações: mudam os significados do território conforme se altera a compreensão das relações de poder. (Grifos do autor).*

Na escola, a sala de aula de uma turma qualquer se configura como o território daquela turma. A partir dessa ideia, podem se desenvolver concepções importantes, relacionadas a esse concei-

to, no trato do conhecimento geográfico, como fronteiras e limites, domínio do espaço físico, como ocorreu no período da colonização, ou domínio político-ideológico, como se tornou mais comum na contemporaneidade.

#### REGIÃO

Outro conceito fundamental em geografia, objeto de intensos debates e que tem sido discutido e reformulado ao longo da história do pensamento geográfico, é a região.

Sua origem etimológica tem relação com a ideia de poder. “A palavra região deriva do latim *regere*, palavra composta pelo radical *reg*, que deu origem a outras palavras como regente, regência, regra etc.” (GOMES, 2003, p. 50). Regina – que em latim significa rainha – é outro bom exemplo de palavra derivada de região e que sugere soberania, domínio etc. Apesar da origem da palavra, o conceito de região pode ter sentidos variados como o de um caráter afetivo, vinculado ao sentimento de pertencimento, tornando-a uma referência para quem a habita, como ocorre com o conceito de lugar; por outro lado, pode também ter um cunho ideológico, com fins de manipulação política.

Tradicionalmente, região tem sua definição calcada em dois pontos de vista: de região natural, essencialmente representada pelos elementos que compõem a natureza e que “nasce, pois, da ideia de que o ambiente tem certo domínio sobre a orientação do desenvolvimento da sociedade” (Ibid., p. 55). E como região geográfica, que a partir da ação humana transformadora, passa a ser composta pelos objetos culturais e naturais.

A região, portanto, pode ser vista — e se trata de uma visão mais bem aceita — como uma espécie de síntese da relação intrincada entre os campos físico (natureza) e humano (sociedade), tornando-se “um produto único, sintético, formado pela inter-relação destes fatores combinados de forma variada” (Ibid., p. 56), cabendo à geografia não apenas descrever tal relação, mas, antes, interpretá-la.

#### ESPAÇO

Dentre os cinco conceitos estruturantes da geografia (Cf. CORRÊA, 2003) é o espaço que, de alguma forma, permeia todos. É claro que, de acordo com as diferentes correntes que compõem a geografia, tais conceitos, por vezes, são diversamente definidos.

O espaço é, sem dúvida, o que mais bem expressa o objeto da geografia, estando presente em um leque de proposições que debatem os temas dessa ciência. Pode-se dizer até que a geografia se confunde com espaço, pois localiza e sistematiza os fenômenos no plano espacial. A geografia já foi entendida como sendo a “ciência responsável pela descrição do espaço” ou simplesmente como “estudo do espaço” etc. E, de fato, arriscamo-nos a dizer aqui que a geografia é a ciência do espaço.

*Espaço é lugar* quando se leva em conta que está em estreita correspondência com o social, com o vivido, gerando significado para as pessoas; é também o espaço visível, repleto de componentes humanos, como uma casa, um bairro, e/ou componentes naturais, formando as *paisagens*; por meio da política o espaço se transforma em *território* de variados contornos e concepções ideológicas; e, por fim, é também no espaço que se imbricam os campos físico e humano que constituem as *regiões*.

Longe de esgotar o assunto sobre esses temas, o que se pretendeu aqui foi expor, de maneira objetiva, os conceitos estruturantes da geografia, marcados por recortes econômicos, históricos, culturais etc., influenciados por diferenças e divergências até teóricas, que, sem dúvida, contribuem para os avanços que a geografia conheceu nos últimos tempos.

Contribuir com o estudo de todos esses conceitos geográficos em sala de aula, com os alunos, é o objetivo principal deste texto, de modo que, conhecendo seus elementos fundantes, a relação do ensino com a aprendizagem, dessa disciplina, poderá se tornar muito mais produtiva e interessante.

### 1.3. TRABALHANDO O TEMA COM OS ALUNOS

De acordo com os PCN, “[...] a geografia é uma área do conhecimento comprometida em tornar o mundo compreensível aos alunos, explicável e passível de transformações” (1998, p. 26).

As atividades que propomos a seguir buscam a compreensão de fenômenos geográficos por meio de atividades que valorizem a apreensão do espaço vivido. Fazendo jus à proposta da geografia da percepção, esperamos que a ciência geográfica ganhe sentido às turmas ao realizá-las.

*a. Atividade 1:* O lugar e a paisagem como objeto de estudo.

*b. Objetivos:* Analisar, descrever e explicar lugares e paisagens; reconhecer o lugar em que se vive como parte de uma identidade

espacial coletiva; perceber a paisagem como parte do cotidiano, identificando as relações temporais e espaciais ali existentes; tomar ciência de que a paisagem é composta pelos objetos naturais e sociais e que não se trata de algo estático, mas, antes, suscetível às constantes transformações feitas de acordo com as necessidades da comunidade e/ou da sociedade.

*c. Desenvolvimento:*

**Módulo 1:** Concomitante às aulas que tratem dos conceitos estruturantes da geografia, especialmente lugar e paisagem, oriente os alunos para que observem atentamente, durante o trajeto que fazem de casa para a escola ou vice-versa, como se apresenta o lugar em que vivem.

Nesse trabalho de observação, deve-se atentar para os aspectos mais marcantes do lugar, analisando, por exemplo, os tipos de construções predominantes; se há mais residências, comércio ou indústrias; como é o movimento diário das pessoas, incluindo as crianças; como se dá a movimentação dos veículos e o transporte; quais são as instituições presentes no bairro, como igrejas, escolas, creches, clubes e outros. Enfim, explique aos alunos que eles devem fazer uma descrição abrangente das características principais que ajudem a revelar como é o lugar observado. O tempo para a realização da atividade ficará a critério do professor e dependerá das condições existentes; no entanto, cremos que dois ou três dias são suficientes para que os registros sejam feitos pelos alunos.

**Módulo 2:** Analise a devolutiva dos registros e a partir daí leve-os a refletir sobre o que observaram. Para apoiar a discussão, questione: Consideram ruas ou avenidas muito movimentadas? Há mais componentes naturais ou culturais na paisagem observada? O lugar transmite a impressão de organização ou de caos? A sensação é de segurança? Por quê? Enfim, elabore questionamentos que considere pertinentes para a realidade local, a fim de se obter uma ampla descrição. Os dados mais importantes resultantes dessa discussão também devem ser registrados.

**Módulo 3:** Após essa primeira rodada de debates, promova nova discussão, mas agora para além da descrição do lugar. A proposta é buscar os porquês daquela realidade com base no que foi observado e apontado nos registros. Procure deixar claro que existem motivos que explicam a pobreza, a riqueza, as diferenças socioeconômicas e todos os aspectos que marcam o espaço de vivência de todos nós e que também caracterizam as paisagens em que estamos inseridos e das quais,

historicamente, fazemos parte. Estimule-os a falar sobre o significado que o lugar tem para cada um. Trabalhe abordando as causas do que eles consideram bom e do que consideram ruim no lugar em que vivem.

**Módulo 4:** Posteriormente às discussões e como resultado, elaborem, em grupo, um documento que contenha as observações e até propostas dos alunos para sanar eventuais problemas que afetam o bairro e/ou o que foi considerado como característica muito positiva, como algo novo ou algum evento ocorrido recentemente etc. Se for o caso, pode-se encaminhá-lo a autoridades competentes como administrações regionais ou subprefeituras para que tomem conhecimento dos relatórios dos alunos.

*d. Avaliação:* A partir do material que possuem, solicite que elaborem a confecção de um texto que exprima, respectivamente, a descrição do lugar e as características da paisagem.

Explique que devem deixar claro quais os critérios que utilizaram para escolher e diferenciar os objetos que fazem parte do lugar, qual o sentimento que possuem em relação a ele etc. Trata-se de uma dimensão subjetiva, de o próprio aluno expressar o que sentiu ao realizar a tarefa, e explicar a sua produção. Espera-se que os textos revelem as visões e sentimentos que eles possuem em relação a esses dois importantes conceitos geográficos. Proponha que leiam para toda a turma o que escreveram.

*a. Atividade 2: Desenho e paisagem.*

*b. Objetivos:* Utilizar o desenho como forma de representação da paisagem; proporcionar situações de aprendizagem em que se perceba a existência de diferentes paisagens; desenvolver a capacidade de observação e de interpretação do espaço.

*c. Desenvolvimento:*

Antes, apresentamos uma breve justificativa a respeito do papel que o desenho possui no ensino de geografia.

*Em um mundo cada vez mais tecnológico e sob o império das imagens produzidas-reproduzidas artificialmente, veiculadas mundialmente, editadas, manipuladas, usadas, consumidas, carregadas de valores simbólicos, ideológicos, mercadológicos, haveria ainda lugar para a atividade do desenho e do seu lugar no ensino de Geografia? (MIRANDA, 2009, p. 142).*

Invariavelmente a confecção de desenhos busca fins cartográficos no ensino desta disciplina. Não há dúvida quanto à importância disso, pois diversos trabalhos publicados contribuem para que a iniciação dos alunos na cartografia seja repleta de sentido; no entanto, nessa atividade, não se trata de se fazer ilustrações com esse fim. A proposta que se quer apresentar aqui é de permitir que os alunos possam, se apropriando dos conceitos fundamentais da geografia, representar uma paisagem, de preferência a do entorno da escola.

**Módulo 1:** Trata-se da confecção de um desenho, no qual o aluno retrate a paisagem a partir de um determinado local. Peça que reflitam sobre o que estão observando e diga-lhes que poderão escolher o(s) objeto(s) da paisagem que quiserem representar. Explique que o desenho é um recurso importante, que contribui para resgatar um pouco da relação direta que podemos ter com o meio.

Essa atividade exigirá a saída da sala de aula para um espaço onde possa ser desenvolvida. Os alunos dotados de material básico para fazer uma ilustração da paisagem poderão sair, a critério do professor, em uma ou mais aulas para desenhar aquilo que estarão vendo. Não se trata de mapa mental e os alunos devem se sentir livres para desenhar o que consideram mais importante e significativo para eles, entre os componentes da paisagem.

No caso de impossibilidade de realização da atividade durante o horário de aulas na escola, por falta de local apropriado etc., proponha a realização da atividade em outro momento e local, mas deixe claro que o resultado deve retratar o espaço observado.

**Módulo 2:** Como veem o entorno? O que escolheram para representar? Por quê? Discuta os desenhos com os alunos. A turma poderá discutir as principais diferenças entre os trabalhos, como por exemplo, se há mais ilustrações de componentes sociais ou naturais e o que isso pode significar. Organize uma atividade complementar com uma visita a um parque da cidade, a fim de que possam comparar as paisagens.

*d. Avaliação:* Prepare os alunos para que realizem uma troca dos trabalhos a fim de que possam analisar os trabalhos realizados pelos colegas. Cada aluno deverá, após breve análise do trabalho de outro colega, dizer sua interpretação. Questione: O que você acha que o colega quis mostrar? O que você pensa sobre a maneira como ele interpreta o ambiente? Gerou algum significado a você? O autor do trabalho concorda com a análise apresentada pelo colega?

A conclusão pode ser a de que possuímos olhares diferentes sobre um mesmo fenômeno físico ou social ou ainda sobre uma representação artística; que os pontos de vista são distintos e que isso é enriquecedor para a apreensão do espaço geográfico.

Essa atividade, assim como as demais, pode ser desenvolvida por turmas de qualquer ano do Ensino Fundamental do Ciclo II, mas foi pensada para que seja realizada preferencialmente com alunos dos dois primeiros anos deste ciclo (as antigas 5ª e 6ª séries).

*a. Atividade 3:* A percepção do espaço feita por meio de recursos alternativos.

*b. Objetivos:* Pensar e discutir o espaço por meio de outros recursos, como vídeos, textos literários, poemas etc. Compreender a importância dos fenômenos geográficos para a vida cotidiana e possibilitar a construção de uma noção básica dos conceitos elementares da geografia por meio da observação e análise crítica do espaço.

*c. Desenvolvimento:*

**Módulo 1:** Organize a turma em grupos e proponha a elaboração de um trabalho que represente o espaço geográfico. Caberá aos grupos escolher, com o auxílio do professor, qual ou quais objetos da paisagem preferem representar utilizando um recurso que, entre outros, poderá ser pintura, colagem, exposição de fotos, poema, filme etc., mas que seja uma produção inédita e totalmente criada por eles.

A produção deverá ser apresentada pelos grupos. Provavelmente cada grupo precisará de, pelo menos, uma aula para realizar sua apresentação. Estimule-os a realizar questionamentos uns aos outros.

**Módulo 2:** Ao final de todas as apresentações, comente os trabalhos e proponha um amplo debate. Perguntas como as seguintes podem contribuir para o desenvolvimento de um debate: como percebem o espaço geográfico e qual a importância que ele possui? O que significou o seu estudo para o grupo?

*d. Avaliação:* Analise e avalie o envolvimento dos alunos ao longo do processo. Questione sobre como está o desenvolvimento da atividade, quais dificuldades e facilidades estão encontrando. Converse com eles, oferecendo dicas de como podem obter melhores resultados, e tente perceber se realmente há envolvimento de todos com o projeto; constatando eventuais problemas de falta de participação ou de conflitos, por exemplo, ajude-os na reto-

mada do caminho. Acompanhe-os de perto para que se alcancem resultados esperados.

#### **1.4. PARA FINALIZAR**

Ao trabalhar os temas com os alunos, lembre-se de que o olhar sobre o lugar, a paisagem, a região, o território ou o espaço e as diferenças existentes entre eles é resultante da concepção de realidade que cada um possui, por meio de sua singularidade, variando, portanto, significativamente de pessoa para pessoa, ainda que pertençam a uma mesma classe social e habitem um mesmo bairro.

A compreensão de significados que envolvem a vida social, resguardados os níveis de entendimento dos alunos, é fundamental para que essas atividades sejam realizadas. Cabe ao professor sistematizar e organizar, da melhor forma possível, o contato dos alunos com novas possibilidades de aprendizagem e de apreensão da realidade, por meio da análise do espaço, para que – assim esperamos – possam alcançar os propósitos da geografia escolar.

### 1.5. SUGESTÕES DE LEITURA

ANDRADE, Manuel C. de. **Caminhos e descaminhos da geografia**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2002.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: geografia**. Brasília: MEC/SEE, 1998.

CARLOS, Ana Fani A. (Org.). **Novos caminhos da geografia**. São Paulo: Contexto, 2002.

\_\_\_\_\_. **A geografia na sala de aula**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

CASTRO, Iná E. de.; GOMES, Paulo Cesar da.; CORRÊA, Roberto L. (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CASTROGIOVANNI, Antonio C. (Org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 7. ed. Mediação: Porto Alegre, 2009.

CAVALCANTI, Lana de S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 5. ed. Campinas, Papirus, 2003.

GOMES, Horiste. **A produção do espaço geográfico no capitalismo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1991.

MORAES, Antonio Carlos R. **Geografia: pequena história crítica**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1983.

MOREIRA, Ruy. **O que é geografia**. 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Brasiliense, 2010.

OLIVEIRA, Ariovaldo U. de. (Org.). **Para onde vai o ensino de geografia?** 4. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

PONTUSCHKA, Nídia N.; OLIVEIRA, Ariovaldo U. de. (Orgs.). **Geografia em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2002.

PONTUSCHKA, Nídia N.; PAGANELLI, Iyda T.; CACETE, Núria H. **Para ensinar e aprender geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.

VESENTINI, José William. (Org.). **Geografia e ensino: textos críticos**. Campinas: Papirus, 1989.

\_\_\_\_\_. **O ensino de geografia no século XXI**. 2. ed. Campinas: Papirus, 2005.

## 1.6. BIBLIOGRAFIA

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CASTROGIOVANNI, Antonio C. (Org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 7. ed. Mediação: Porto Alegre, 2009.

CAVALCANTI, Lana de S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 5. ed. Campinas: Papyrus, 2003.

CORRÊA, Roberto L. Espaço, um conceito-chave da geografia. In: CASTRO, Iná E. de.; GOMES, Paulo Cesar da.; CORRÊA, Roberto L. (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

GOMES, Paulo Cesar da C. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, Iná E. de.; GOMES, Paulo Cesar da.; CORRÊA, Roberto L. (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

KRETSCHMER, Konrad. **Historia de la geografia**. 3. ed. Barcelona: Editorial Labor, 1942.

LACOSTE, Yves. **A geografia — isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. 7. ed. Campinas: Papyrus, 2003.

LENCIONI, Sandra. **Região e geografia**. São Paulo: Edusp, 2003.

MENDONÇA, Francisco. **Geografia física: ciência humana?** 7. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

MIRANDA, Sérgio L. O desenho como mapa e educação conservadora no ensino de geografia. **Terra Livre**, São Paulo, ano 25, v. 2, n. 33, p. 139-154, jul.-dez. 2009.

MORAES, Antonio Carlos R. **Geografia: pequena história crítica**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1983.

MOREIRA, Ruy. **O que é geografia**. 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Brasiliense, 2010.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2008.

\_\_\_\_\_. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. São Paulo: Edusp, 2002a.

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço:** técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2002b.

SAQUET, Marcos A. **Abordagens e concepções de território.** 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

TUAN, Yi-fu. Geografia humanística. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio. (Org.). **Perspectivas da geografia.** São Paulo: Difel, 1982.

\_\_\_\_\_. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.





